

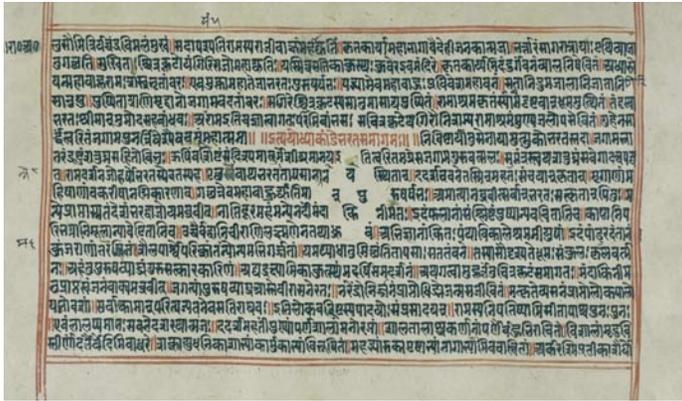
## GESTOS, COMPORTAMENTOS E SOCIABILIDADES DOS ALUNOS COMO USUÁRIOS DO COMPUTADOR.

### SITUAÇÃO DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DE TEXTO DIGITAL

JULIANNA SILVA GLÓRIA\*  
ISABEL CRISTINA ALVES DA SILVA FRADE\*\*

*O trabalho é resultado de parte de pesquisa que tomou como objeto diferentes aspectos do letramento digital ocorrido no espaço de escolas públicas de Belo Horizonte. Com o objetivo mais amplo de tentar compreender a relação dos alunos/usuários com a escrita diante do novo suporte de texto, o computador, a pesquisa abordou os aspectos relativos ao acesso e frequência ao computador, os modos de comportamentos assumidos por alunos usuários nas oportunidades de interação com este suporte e as estratégias de leitura e escrita na tela. No texto são analisados situações de letramento vivenciadas por dois grupos de alunos na faixa etária de 12 e 13 anos numa atividade de leitura e envio de e-mails*

*A pesquisa é de abordagem qualitativa e utiliza-se, para a coleta de dados, da observação de ambiente, gestos e comportamentos e da transcrição de diálogos ocorridos na sala de informática de uma escola pública em Belo Horizonte, entre alunos e professor ou coordenador no instante da prática de leitura e envio de e-mail. O quadro teórico é referenciado nos estudos sobre letramento e novos letramentos (Magda Soares), nas contribuições de teóricos que tematizam as práticas de leitura em diferentes suportes tais como Roger Chartier e Pierre Levy e no conceito de dialogismo de Bakhtin. Os resultados revelam como se dá a incorporação de novas linguagens, o domínio de algumas técnicas e as problemáticas envolvidas na produção de textos no computador em situação escolar.*



*This article presents the results of part of a piece of writing that analyzes the different aspects of digital literacy in public schools of Belo Horizonte. With the wider aim of trying to understand the relation between the students/users and writing using the computer as a new text processor, that research dealt with the aspects of access and use frequency of the computer, the behaviors of the students/users in the interaction with this processor and the strategies of reading and writing on screen. In the text, the literacy experiences of two groups of students of 12 and 13 years old during an activity of reading and email sending are analyzed.*

*The research had a qualitative approach and, for the collection of data, the observation of the context, the gestures and behaviors, and the transcriptions of the dialogues between the students and the teacher or the coordinator in the Computing classroom of a public school in Belo Horizonte were used, both during the reading practice of websites and of email reading and sending. The theoretical framework has as reference the studies on literacy and new literacies (Magda Soares), the contributions of the theoreticians that deal with reading practices in different formats, such as Roger Chartier and Pierre Levy, and the concept of dialogism of Bakhtin. The results reveal how new languages, the domain of some techniques and the problems involved in the production of texts using the computer in the school situation are incorporated.*

Este trabajo presenta el resultado de parte de la investigación que analizó los diversos aspectos

de la alfabetización digital en el contexto de las escuelas públicas de Belo Horizonte. Con el objetivo más amplio de intentar comprender la relación de los alumnos usuarios con la escritura cuando el nuevo soporte de texto es la computadora, dicha investigación abordó los aspectos relacionados con el acceso y la frecuencia de uso de esa herramienta, los modos de comportamientos de los alumnos usuarios en la interacción con este soporte y las estrategias de lectura y escritura en pantalla. En el texto, se analizan las experiencias de lectura y escritura de dos grupos de alumnos de 12 y 13 años en una actividad de lectura y envío de correos electrónicos.

La investigación tuvo un abordaje cualitativo y se utilizaron, para la recolección de datos, la observación del contexto, los gestos y comportamientos y la transcripción de los diálogos llevados a cabo entre los alumnos y el profesor o coordinador en la sala de informática de una escuela pública de Belo Horizonte, tanto en el momento de la práctica de lectura de un sitio como en la de lectura y envío de correos electrónicos. El marco teórico se apoya en los estudios sobre alfabetización y nuevas alfabetizaciones (Magda Soares), en las contribuciones de los teóricos que abordan las prácticas de lectura en diferentes soportes, tales como Roger Chartier y Pierre Levy y en el concepto de dialogismo de Bakhtin. Los resultados revelan cómo se incorporan los nuevos lenguajes, el dominio de algunas técnicas y las problemáticas involucradas en la producción de textos en la computadora en la situación escolar.

## Introdução<sup>1</sup>

Este trabalho é resultado de parte de pesquisa que tomou como objeto diferentes aspectos do letramento digital ocorrido no espaço de escolas públicas de Belo Horizonte. Com o objetivo mais amplo de tentar compreender a relação dos alunos/usuários com a escrita diante do novo suporte de texto, o computador, a pesquisa abordou os aspectos relativos ao acesso e frequência ao computador, os modos de comportamentos assumidos por alunos usuários nas oportunidades de interação com este suporte e as estratégias de leitura e escrita na tela.

Neste artigo analisamos os rituais e comportamentos de um grupo de alunos na faixa etária de 12 e 13 anos envolvidos numa atividade de leitura e envio de e-mails e com as técnicas e linguagem própria desse tipo de letramento. A análise busca revelar como se dá a incorporação de novas linguagens, o domínio de algumas técnicas e as problemáticas envolvidas na produção de texto e de leitura no computador em situação escolar.

A pesquisa é de abordagem qualitativa e utiliza-se, para a coleta de dados, da observação de ambiente, gestos e comportamentos e da transcrição de diálogos ocorridos na sala de informática de uma escola pública em Belo Horizonte, entre alunos e professor ou coordenador na prática de leitura e envio de e-mail.

O quadro teórico é referenciado nos estudos sobre letramento e novos letramentos (Magda Soares), nas contribuições de teóricos que tematizam as práticas de leitura em diferentes suportes tais como Roger Chartier e Pierre Levy e no conceito de dialogismo de Bakhtin.

Vamos iniciar nossa reflexão com Roger Chartier (1999: 78), que respondendo a uma questão sobre costumes e maneiras de ler faz o seguinte comentário a respeito do silêncio obrigatório instaurado nas bibliotecas universitárias na Idade Média:

Encontramos nas bibliotecas a idéia de um comportamento que deve ser regulado e controlado. Observe, mais tarde, no século XVIII, as sociedades de leitura, que tiveram muita importância na Alemanha das Luzes. Menos desenvolvidas na França, eram numerosas na Inglaterra, sob a forma dos *book clubs*. Nos regulamentos, está previsto que o lugar da leitura deve ser separado dos lugares de divertimento mais mundano [...].

A história das práticas de leitura, a partir do século XVIII, é também uma história da liberdade na leitura. É no século XVIII que as imagens representam o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama [...]. O leitor e a leitora do século XVIII permitem-se comportamentos mais variados e mais livres...

Nas sociedades de leitores dos séculos que nos antecederam, de acordo com o suporte de escrita de cada época, já existiam gestualidades e comportamentos mais ou menos estabelecidos para uso do texto. Que normas de conduta são estabelecidas, hoje, para as sociedades de leitores escolares (no caso, da escola onde realizamos a pesquisa), a fim de que os alunos não só leiam, mas também escrevam o texto digital no contexto escolar?

Consideramos como Chartier, que as formas comandam os sentidos e interferem na produção e recepção dos textos e que os comportamentos e gestos são constitutivos dos atos de leitura e escrita, pois ler num rolo implica numa prática totalmente diferente de ler um códice, que é também bastante diferente de ler numa tela de computador. Parte destas práticas herdadas aspectos existentes no modo anterior de leitura/escrita e parte delas envolve o ineditismo de gestos, comportamentos e sociabilidades. Assim, este autor tanto nos envia para o estudo da relação entre suporte e práticas de leitura e escrita como para o campo das sociabilidades e comportamentos assumidos pelos leitores frente a cada um destes suportes. Nesse sentido é que nos propomos analisar dados referentes à transcrição de trechos dos diálogos ocorridos na prática de leitura e envio de e-mail, vivenciadas por alunos em processo de aprendizagem destes gestos, comportamentos e estratégias.

Para análise dos dados tomamos como princípio a situação de enunciação em contexto escolar, na qual os sujeitos se reúnem para ler ou formular um texto, situações de leitura e escrita que são circunscritos às tarefas de cunho escolar, em ambientes de uso da mesma máquina e numa atividade coletiva de produção.

Na teoria bakhtiniana, a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem. É na relação entre sujeitos, isto é, na produção e na interpretação dos textos que se constroem o sentido do texto, a significação das palavras e dos próprios sujeitos, daí sua pertinência para analisar interações dos alunos

entre si, com o computador e com os professores em situação de leitura e escrita na tela, no contexto escolar. Isto porque no momento em que estes estão ensinando/aprendendo incorporam através da linguagem novas linguagens, que vão repercutir em transformações nas ações, comportamentos e sociabilidades e também na própria produção do ato de ler e escrever textos em conjunto. Desta forma, o sentido e a participação são negociados entre interlocutores ativos.

Além de produzir e ler textos e de aprender novos gêneros textuais, os alunos que observamos também aprendem a utilizar um suporte virtual e suas técnicas. Para esta análise usamos o conceito de *usabilidade*. Para Tanaka e Rocha (2001) “o conceito relaciona-se ao desenvolvimento e uso produtivo de uma determinada tecnologia, sem desconsiderar sua estrutura, formato e conteúdo disponibilizado” (*apud* Freire, 2003: 72). Dentro desta concepção analisa-se o nível de interatividade do usuário com o website, software ou outro dispositivo avaliando-se como o usuário utiliza-se de diversas ferramentas oferecidas pelo sistema, que podem envolver tarefas de digitação, de armazenamento, de recuperação e localização de informações e de operar com ícones e memorizar funções para salvar, enviar mensagens, etc.

## Modos e uso do computador nas práticas de leitura e escrita de texto digital

Em primeiro lugar escolhemos abordar uma situação de leitura e envio de e-mail, na qual a professora tinha como objetivo o ensino das técnicas necessárias para ler e escrever mensagens eletrônicas via e-mail, focalizando o aspecto da familiarização dos usuários com estas técnicas. Em segundo lugar, foi eleito um evento de letramento que envolveu outro grupo de alunos na mesma situação de envio de e-mail que revela estratégias de leitura e escrita na tela. É preciso esclarecer ainda sobre a leitura e envio de e-mail que os trechos de diálogos foram retirados de instantes de uma única aula e que a experiência com o e-mail foi realizada sempre em grupo. Tanto a escola quanto os envolvidos foram identificados respectivamente por letras e números, preservando o anonimato dos mesmos.

Apresentamos os trechos de diálogos dentro de um quadro que trará informações em colunas sobre o tempo de realização do episódio, os envolvidos no diálogo, as atitudes dos envolvidos e observações da pesquisadora durante a situação da prática de leitura e escrita de texto digital. A leitura do quadro deverá ser feita seguindo o tempo cronológico da aula (primeira coluna da tabela). Passemos, portanto, à apresentação dos diálogos que compõem as instâncias de aproximação do alunos/usuário com o texto digital.

### a) *Familiarização com a nova situação de escrita*

Neste tópico, relataremos trecho de diálogo ocorrido na prática de leitura/envio de e-mail, vivenciada pelo 1º ano do 3º ciclo de uma Escola municipal em Belo Horizonte, turno vespertino. Foram 5 aulas (1 por semana) que acompanhamos no período de 14/05/2003 a 04/06/2003. Este trecho foi retirado da seguinte sequência de observação: na 1ª aula o professor coordenador da sala de informática, orientou os alunos/usuários a criarem seus próprios e-mails; na 2ª aula os alunos/usuários foram à sala de informática esperando receber as primeiras mensagens dos alunos/usuários de Montes Claros. Entretanto, por dificuldades da professora L, os alunos/usuários ficaram sem receber mensagem alguma. Na 3ª aula os alunos/usuários receberam e-mail da professora L se desculpando pelo atraso no início do projeto de comunicação, via e-mail, entre os alunos/usuários das duas escolas. O professor R propôs que os alunos/usuários respondessem ao e-mail da professora L questionando-a sobre o atraso no começo do projeto e, depois, que trocassem e-mails entre si. Na 4ª aula vários alunos/usuários receberam e-mail de alunos/usuários da Escola pública em Montes Claros. Os alunos/usuários tiveram a oportunidade de ler os e-mails e respondê-los. Na 5ª aula, como na aula anterior, vários alunos receberam e-mail de alunos/usuários da Escola pública em Montes Claros. Os alunos/usuários tiveram a oportunidade de ler os e-mails e respondê-los. O trecho que escolhemos para analisar aqui ocorreu na 3ª aula. Os envolvidos são o professor D, professor de português da turma de 1º ano do 3º ciclo e um grupo de 3 alunos/usuários.

## QUADRO 1. Leitura/envio de e-mail

1º ano do 3º ciclo					
Tempo	Coordenadora	Professor	Atitude	Aluno(a)	Observação
14:08:01				Aluno 1: Onde tem que entrar mesmo pra ver a mensagem?	
14:08:02				Aluno 2: Caixa de entrada.	
14:08:03			O Aluno 1 clica em caixa de entrada.	...	
14:08:04			Aponta com o dedo na tela.	Aluno 1:Aqui a mensagem!!	
14:08:05			O Aluno 1 clica no ícone do envelope, mas não acontece nada.		
14:08:06				Aluno 1: Chiiii! Não funciona.	O Aluno 1 tenta abrir a mensagem .
14:08:07			O Aluno 3 pega o mouse com o Aluno 1.	Aluno 3:Deixa ver se consigo!	
14:08:08			O Aluno 3 seleciona com o cursor a mensagem.	Aluno 1:Não é assim não, só! E se você estragar o computador?	
14:08:10			O Aluno 3 pára e escuta o comentário do Aluno 1.		
14:08:11			O Aluno 3 devolve o mouse para o Aluno 1.		
14:08:12				Aluno 2: É melhor chamar o D.	
14:08:13				Aluno 1: DDDD, ajuda a gente aqui?	
14:08:14				...	
14:08:15		Que foi?		Aluno 1:Como a gente faz pra ver a mensagem mesmo?	
14:08:16		Chegou mensagem pra você, Aluno 1?		Aluno 1: Chegou.	
Legenda: ... (pausa)					

Bakhtin concebe a linguagem como uma criação coletiva, integrante de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”. Nesse sentido, a “palavra do outro” se transforma, dialogicamente, para tornar-se “palavra pessoal alheia”; até que a “palavra do outro” se torna “familiar” (Bakhtin, 2000: 406).

No caso desse episódio relatado, percebemos que a construção de um diálogo entre os alunos/usuários e depois com o professor é de fundamental importância para a adaptação a essa nova forma de ler o texto. Em nossas observações, percebemos que o aluno/usuário enfrenta essa situação, ora perguntando ao colega e/ou professor onde tem que clicar, ora procurando aprender por si só a mexer no novo suporte de texto.

Nesse processo de familiarização, as palavras que revelam atitudes e posturas que demonstram o medo de errar (“Onde tem que entrar mesmo pra ver a mensagem?”; “Chiii! Não funciona.”), e o receio de “estragar” o computador são marcadores dessa constituição ativa do sujeito na aquisição das “palavras alheias” em “palavras próprias” e do momento em que a apropriação da nova linguagem pelo sujeito se torna visível.

Outro marcador desse processo é o uso da memória para lembrar de como interagir com as ferramentas do sistema. Nesse sentido, o fato de os alunos/usuários estarem, em grupo, realizando o envio de e-mail ajuda bastante na realização da tarefa, pois observamos que quando um aluno/usuário se esquece do que fazer (“Onde tem que entrar mesmo pra vê a mensagem?”), outro lembra (“Caixa de entrada.”).

Percebemos, portanto, que o aluno/usuário se esforça o tempo todo para aprender a lidar com o novo texto, mesmo que a princípio manifeste certo receio e desconforto em lidar com as novas ferramentas que o texto digitalizado oferece e isso se dá pela tradução da ação em linguagem. Além disso, apropriar-se de gestos, de ícones que sugerem ações, também passa pela apropriação de uma forma específica de linguagem que se relaciona à linguagem digital.

Através dos estudos de Roger Chartier (1999: 93) nos conscientizamos de que, ao longo de sua história com a escrita, o sujeito já se deparou com situações de apropriação de novas formas de a escrita acontecer semelhantes

a essa que mostramos com os alunos/usuários do 1º ano do 3º ciclo:

No início da era cristã, os leitores dos códex tiveram que se desligar da tradição do livro em rolo. Isso não fora fácil, sem dúvida. A transição foi igualmente difícil, em toda uma parte da Europa do Século XVIII, quando foi necessário adaptar-se a uma circulação muito mais efervescente e efêmera do impresso. Esses leitores defrontavam-se com um objeto novo, que lhes permitia novos pensamentos, mas que, ao mesmo tempo, supunha o domínio de uma forma imprevista, implicando técnicas de escrita ou de leitura inéditas.

Esse movimento de adaptação a novos suportes de escrita e a novas formas de construção do texto escrito, como Chartier nos apresenta, faz parte de um processo de aprendizagem radicalmente novo por parte do sujeito, visto que o mesmo não se apoia na experiência da geração anterior para adquirir o conhecimento sobre a nova escrita. Com a revolução digital, vivemos exatamente esse fenômeno; a saber, no que concerne ao sujeito da nossa pesquisa na situação de experimentação da prática de recebimento e envio de e-mail, a palavra que revela muito desse processo inicial de apropriação que o aluno/usuário vivenciou é a palavra descoberta.

Descobrimo como entrar no e-mail, como abrir a mensagem para ser lida e muito mais, o aluno/usuário vai incorporando as novidades da escrita digital e vai dominando formas de escrita e de leitura inéditas. Entendemos, com isso, que toda a transformação da leitura e da escrita do texto acontece pelo suporte que a materializa. É no manuseio do material de escrita digital que se tornam perceptíveis as mudanças na técnica de ler e escrever um texto.

Pierre Lévy (1990: 176), ao fazer referência sobre o meio ecológico, no qual se propagam as representações, nos afirma:

O aparecimento de tecnologias intelectuais como a escrita ou a informática transforma o meio no qual se propagam as representações. Portanto, esse aparecimento transforma a sua distribuição: algumas representações, que anteriormente não podiam ser conservadas, passam a sê-lo e conhecem então uma maior difusão [...]; são possíveis novos processamentos da informação, surgindo portanto novos tipos de representação...

Quando nos deparamos com práticas como a de leitura e envio de e-mail que acompanhamos no contexto escolar, em que o aluno/usuário precisa dominar uma série de procedimentos completamente novos para estar em contato com o outro, é que vislumbramos o quanto ampliamos nosso espaço de comunicação. Os procedimentos atuais de leitura e escritura de texto que se apresentam através da nova tecnologia tornam inevitáveis os avanços nesse circuito. Pensemos, por exemplo, nesse sujeito que acompanhamos nesses cinco encontros: eles tiveram que criar um endereço virtual para receber e enviar suas correspondências; aprenderam que, clicando, podiam abrir suas mensagens para serem lidas e enviar mensagens que, imediatamente estariam no endereço eletrônico do outro, e muito mais.

### *b) Novas ferramentas de escrita, novas formas de escrever*

Relataremos, nesse episódio, trecho de diálogo ocorrido na prática de leitura/envio de e-mail já descrita na instância anterior de aproximação com o texto digital. Essa prática foi vivenciada por um grupo diferente de alunos integrantes da mesma turma do episódio anterior e também na mesma aula em que os alunos/usuários receberam e-mail da coordenadora do NTE em Montes Claros, L, se desculpendo pelo início desorganizado do projeto. Os envolvidos em tal situação de discurso são outro grupo de alunos/usuários, o coordenador e a pesquisadora.

**QUADRO 2. Leitura/envio de e-mail**

1º ano do 3º ciclo					
Tempo	Coordenador	Pesquisadora	Atitude	Aluno(a)	Observação
14:15:07				Aluno 1: Agora a gente tem que responder.	Refere-se a resposta ao e-mail enviado pela professora L.
14:15:08				Aluno 2: Como é que faz?	
14:15:09				Aluno 1: Clica em responder.	
14:15:10			Aponta o dedo na tela.	Aluno 2: Cadê? Aluno 1: Aqui ó!	
14:15:11			O aluno 1 digita o endereço eletrônico no cabeçalho e no momento de preencher o assunto...		
14:15:15				Aluno 1: Que assunto?	
14:15:16				Aluno 2: Queixas!	
14:15:17				Aluno 1: Não pode ser queixas; o professor falou pra colocar queixas só se a gente não recebesse e-mail.	

14:15:19				Aluno 2: Mas o professor falou pra colocar assim quando fosse responder.
14:15:20				Aluno 1: Mas a gente recebeu e-mail!
14:15:21			Dirige-se ao coordenador.	Aluno 1: Aqui...a gente recebeu e-mail, o que a gente coloca no assunto?
14:15:23	O que vocês vão escrever no e-mail?			Aluno 2: O professor falou pra colocar queixas.
14:15:24	Vocês vão se queixar de alguma coisa? O assunto é exatamente sobre aquilo que vocês vão escrever.			
14:15:25				Aluno 2: Deixa queixas mesmo! Nós vamos reclamar com a L que nós achamos que hoje a gente já ia falar com os alunos da Escola dela. ...
14:15:26				
14:15:27	Resolvido?			Aluno 1: Tá! Tá!
14:15:28				Aluno 2: Na próxima aula, a gente escreve sobre como é a nossa escola, né?!
14:15:29				Aluno 1: Não uai! Primeiro a gente tem que receber a resposta da L. É igual carta; quer dizer...é diferente, né? ...
14:15:30		O que é diferente?		
14:15:31				
14:15:32				Aluno 1: No computador é muito rápido.

14:15:33			Dirige-se à pesquisadora apontando pra caixa de texto.	Por exemplo...se a L estiver lá no computador lá na cidade dela, ela pode ler o e-mail que mandamos pra ela agora mesmo. Aluno 2: Como é que faz pra escrever aqui dentro mesmo?	
14:15:35		Clica aqui dentro.			
14:15:36				Aluno 2: Ah, é!	
14:15:37			O Aluno 2 digita o texto do e-mail.		
14:15:40				Aluno 2: Pronto!	O Aluno 1 olha a tela atentamente.
14:15:41					
14:15:42				Aluno 1: Envia!	
14:15:43				Aluno 2: Como é mesmo? Aluno 1: Você não lembra de nada, né, Aluno 2?	
14:15:44			Aponta na tela.	Aluno 1: Clica aqui!	
14:15:45				Aluno 2: E agora? Já enviou?	O Aluno 1 lê a página tentando entender o que aconteceu.
14:15:46				Aluno 1: Não sei! Que página é esta?...	
14:15:47				Onde nós fomos parar?	
14:15:48			O Aluno 1 aponta o dedo na tela.	...	
14:15:49				Aluno 1: Aqui ó!! "Sua mensagem foi enviada com sucesso." Aluno 1: Yes!! Conseguimos!!	

Fonte: dados/fita de áudio (aula - 18/05/2003)

Segundo Pierre Lévy, (1990: 223) interface evoca simultaneamente a comunicação (ou o transporte) e os processos de transformação necessários para o sucesso da transmissão. A interface reúne as duas dimensões do devir: o movimento e a metamorfose. É o operador da passagem. [...] designa o conjunto de aplicações e dos equipamentos que permitem a comunicação entre o sistema informático e os seus utilizadores humanos.

Pode-se notar, com isso, que uma interface é crucial para entendermos toda a “estrutura sociotécnica” (Lévy, 1990) que envolve o uso do computador como suporte de texto. As novas tecnologias, vinculadas ao uso do computador, da informática e da telemática exigem o desenvolvimento de novas habilidades e competências de escrita; isso porque são constituídas de novas ferramentas e novos recursos disponibilizados apenas pelo meio digital.

Sobre essas novas habilidades e competências para usar a escrita, Magda Soares (2002: 156) enfatiza a ideia de que “diferentes tecnologias de escrita geram diferentes estados ou condições naqueles que fazem uso dessa tecnologia em suas práticas de leitura...” e Lévy (1990: 232) comenta que

todo conhecimento reside na articulação dos seus suportes, na arquitetura da rede, no ordenamento dos *interfaces*. [...] aquilo de que se ocupam as teorias do conhecimento –saberes, informações e significações– são precisamente efeitos de suportes, de relações, de contiguidades, de *interfaces*.

O comportamento do aluno/usuário que acompanhamos na prática de envio de e-mail, usando ferramentas como o teclado para digitar o texto, clicando com o mouse para abrir ou enviar o e-mail e lendo a mensagem na tela do computador, dá-nos um indicativo das visíveis mudanças provocadas por essa nova tecnologia da escrita.

Em relação à experiência do grupo citado na transcrição, destacamos ainda, como reflexo dessa mudança, um impasse que surge por causa da novidade que foi para esse grupo estar usando o e-mail como nova forma de comunicação: desde o início do diálogo, o aluno 1 e o aluno 2 discutem se seria apropriado ou não seguir a orientação do professor e enviar o e-mail colocando como assunto “Queixas”. Essa discussão aconteceu, exatamente, porque o aluno 1 achava

que eles não deveriam colocar “Queixas” como assunto já que o professor orientara que esse assunto deveria ser colocado caso não recebessem nenhum e-mail; o que de fato não aconteceu. No entanto, o aluno 2 achava que deveriam colocar esse assunto mesmo, porque o professor disse que quando fossem responder era para colocar como assunto “Queixas”. Nesse caso, as condições de enunciação que cercam o ato de escrever demonstram que o domínio da técnica predomina sobre o objetivo da situação comunicativa e parece que não há espaço possível para conflitos sobre por que, de fato, estão escrevendo queixas para um interlocutor que não precisa ser interpelado nesse sentido.

Parece-nos que essa situação se torna inevitável no processo que esses alunos/usuários experimentaram, visto que se tratava de processo de apropriação de uma nova técnica de escrita. Nesse sentido, a novidade da técnica atravessa a situação de interação. Afinal tudo era novo para eles, portanto, todas as decisões a serem tomadas em relação a esse texto ainda precisavam ser pensadas, ou seja, não eram ainda realizadas espontaneamente.

O susto, em forma de questionamento, do aluno 1 no final desse trecho transcrito: “Onde nós fomos parar?” e o alívio logo em seguida: “Yes!”, também são evidências desse processo de apropriação; afinal, tudo isso nos revelou a falta de conhecimento, por parte dos alunos/usuários envolvidos na situação, de que, após clicarem em enviar, sempre aparece uma página com a frase: “Sua mensagem foi enviada com sucesso.”

Entre a apropriação da tecnologia e a apropriação do novo gênero (e-mail) em processo, os alunos/usuários tiveram que lidar com diferentes coordenações de ideias; no caso desse instante específico que estamos focalizando, os alunos/usuários pareciam estar mais concentrados na tecnologia.

Por outro lado precisamos analisar a construção da relação do sujeito com a escrita digital a partir dessas ferramentas e recursos do computador, sem perdermos de vista a representação mais ampla do fenômeno da escrita, assim como o conjunto de práticas que se herda de outros gêneros e suportes. Dessa forma, evitamos encarar a tecnologia digital da escrita como uma novidade sem precedência.

Nesse sentido, com relação ao impresso, Chartier (1994: 96) observa que

a revolução da imprensa não consiste absolutamente numa “aparição do livro”. Doze ou treze séculos antes do surgimento da nova técnica, o livro ocidental teria encontrado a forma que lhe permaneceu própria na cultura do impresso.

No tocante à revolução digital, percebemos o mesmo movimento: a relação que os sujeitos estabelecem com a escrita, clicando em responder e/ou enviar, digitando o texto em uma tela, remete a sistemas de referência historicamente constituídos com recursos utilizados em outros suportes de texto. No caso da experiência do e-mail, o ícone do “envelopinho”, o endereço eletrônico, retoma a experiência da correspondência e/ou da carta real via correio; no entanto, no formato digital. Nesse formato, a correspondência adquire nova estrutura: cabeçalho com espaço para digitar endereço que não é real, mas virtual, e para indicar o assunto do e-mail ao usuário que irá receber a mensagem; o texto deverá ser digitado em uma caixa de texto e assim que estiver pronto, o usuário envia imediatamente ao usuário endereçado, clicando em “enviar”.

Pudemos acompanhar todo esse processo de envio do e-mail através da experiência desse grupo do 1º ano do 3º ciclo. Por fim, ao expressar sua experiência com essa nova forma de correspondência, o aluno 1 declarou: “É igual carta; quer dizer ...é diferente, né?...No computador é muito rápido. Por exemplo... se a L estiver lá no computador lá na cidade dela, ela pode ler o e-mail que mandamos pra ela agora mesmo.”

Percebemos com a declaração “É igual carta; quer dizer... é diferente, né?...” que ao mesmo tempo em que os sujeitos têm a tendência de estabelecer relação com outras experiências de escrita (no caso, a carta), a relação com o novo texto a partir do uso das novas ferramentas e recursos digitais conduz ao desenvolvimento de outras formas de escrita que certamente devem ser encaradas como “é diferente, né?”.

## Consideração final

Sobre as mutações advindas da relação corpórea do sujeito com o suporte, Chartier (1994: 100) considera: “Ler sobre a tela não é ler um códex. [...] a revolução iniciada é, antes de tudo, uma revolução dos suportes e formas que transmitem o escrito.” A revolução digital é, certamente, muito mais do que mudanças na forma como a escrita se apresenta, entretanto, essa forma é que marca a ruptura com modos anteriores de construção do texto, instaurando-se novos processos de escrita.

A esse respeito o mesmo autor ainda nos lembra, no mesmo texto, que “se abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico...”. Pudemos constatar em cada instância de aproximação com o texto digital apresentada neste artigo essa afirmativa de Chartier: nossos sujeitos não leram ou escreveram seus respectivos textos em livro ou folha de papel; não podiam pegar no texto que liam ou escreviam. O seu contato com o texto foi através da tela. Eles leram e digitaram o texto na tela.

É, enfim, inegável que esta nova condição do texto na tela - um texto que não se pode pegar, mas acompanhar pela tela - influencie a transformação da relação corpórea do sujeito com a escrita, que certamente trará contribuições significativas para que o nosso sujeito amplie cada vez mais suas práticas de leitura e escrita, suas atitudes e disposições, sua concepção de texto e de escrita e sua forma de representar a linguagem.

### Nota

1. Este artículo fue originalmente presentado en la 28ª Reunión Anual da Anped, 16 a 19 de octubre de 2005, Caxambu, Brasil.



## Referência bibliográfica

- Bakhtin, M. (2000). **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- Chartier, Roger (1994). **A ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidades de Brasília.
- \_\_\_\_\_ (1999). **A aventura do livro – do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado.
- Freire, F. (2003). Formas de materialidade lingüística, gêneros de discurso e interfaces. In. E. T. da Silva (org.), **A leitura nos Oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez.
- Lévy, P. (1990). **As Tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Lisboa: La Découverte.
- Soares, M. (2002). Novas práticas de leitura e escrita; letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**, 23 (81): 143-160. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.
- Este artículo fue recibido en la Redacción de LECTURA Y VIDA en abril de 2008 y aceptado para su publicación en marzo de 2009.*
- \* Professora de turmas de alfabetização, mestre em educação e doutoranda do programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFMG/Brasil.
- \*\* Professora da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e investigadora do CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da mesma universidade).
- Para comunicarse con las autoras:  
juliannagloria@hotmail.com,  
icrisfrade@gmail.com.

## ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE LECTURA Organismo Consultor de Unesco

### Presidenta

Patricia A. Edwards  
Michigan State University  
East Lansing, Michigan,  
EE.UU.

### Presidenta electa

Victoria J. Risko  
Peabody College  
of Vanderbilt University  
Nashville, Tennessee,  
EE.UU.

### Vicepresidenta

Carrice C. Cummins  
Louisiana Tech University  
Ruston, Louisiana,  
EE.UU.

### Director Ejecutivo

William B. Harvey

### Consejo Directivo

#### 2008-2011

**Janice F. Almasi**, University of Kentucky  
Lexington, Kentucky, EE.UU.

**Rizalina C. Labanda**, Sts. Peter and Paul, Early Childhood Center  
Laguna, Filipinas

**Marsha M. Lewis**, Duplin County Schools  
Kenansville, North Carolina, EE.UU.

#### 2009-2012

**Karen Bromley**, Binghamton University, SUNY  
Binghamton, Nueva York, EE.UU.

**Brenda J. Overturf**, University of Louisville  
Louisville, Kentucky, EE.UU.

**Terrel A. Young**, Washington State University  
Richland, Washington, EE.UU.

#### 2010-2013

**Jay S. Blanchard**, Arizona State University  
Tempe, Arizona, EE.UU.

**Kathy Headley**, Clemson University  
Clemson, South Carolina, EE.UU.

**Joyce G. Hinman**, Bismarck Public Schools  
Bismarck, North Dakota, EE.UU.